

Mudanças na condução esportiva feminina: apropriação devida dos conhecimentos da psicologia do esporte

Afonso Antonio MACHADO, António Rui GOMES, Carlos Augusto Mota CALABRESI
LEPESPE / D.E.F / I.B. / UNESP -SP-Brasil
Universidade do Minho-Portugal
afonsoant@uol.com.br

Resumo: Este trabalho, por meio de revisão de literatura, e pesquisa de campo categorizou comportamentos, tidos como de risco emocional, de 258 atletas de Voleibol feminino, de equipes de diferentes campeonatos, da L.I..P.V. (Liga Interiorana de Voleibol) e da F.P.V. (Federação Paulista de Voleibol). Através de coleta de questionários e entrevistas, foram localizados sintomas de violência e ansiedade, alteração do sono, dificuldade de atenção seletiva, irritabilidade, angústia e apatia, entre outros distúrbios afetivo- emocionais menos frequentes entre atletas de esporte competitivo, que sofreram a técnica da categorização. Através de respostas duplas (100-100), 68% das atletas estudadas informam sentir medo do insucesso e não atingirem suas próprias expectativas, ou de atrapalhar suas equipes ou colegas (63%). Angústia, medo e apatia (52%) e estresse pelo treinamento esportivo exagerado (47%) foram apontados na fase competitiva e pós-competitiva. Estas evidências permitiram- nos concluir que a preparação psicológica não é empregada, possibilitando uma maior desagregação psico e social do grupo, bem como uma maior exposição do mesmo à transtornos emocionais moderados ou graves. Denotam ainda a emergente necessidade da atuação do profissional da área e um melhor uso dos estudos relativos a Psicologia do Esporte, no treinamento esportivo.

Palavras - chave: comportamentos emocionais, condução desportiva feminina, preparação psicológica

Breve revisão de literatura

De acordo com Feltz e Chase (1998), as expectativas de auto-eficácia não devem ser confundidas com expectativas de resultado. Expectativa de resultado é definida como uma crença de que um comportamento acarretará um certo resultado, por exemplo, em uma partida de basquete um jogador sabe que se driblar os três jogadores adversários na sua frente ele conseguirá marcar o ponto.

Enquanto que a expectativa de auto-eficácia é a crença do quanto o indivíduo é competente e o grau de sucesso que ele conseguirá atingir em um determinado comportamento, por exemplo, esse mesmo jogador na mesma situação descrita acima, mas agora ele tem certeza de que consegue driblar os jogadores e marcar o ponto.

A diferença é que na primeira situação o jogador sabe o resultado da ação que quer realizar, mas não sabe se consegue fazê-lo, e no segundo ele também sabe o resultado e tem convicção de que consegue fazê-lo.

Os dois tipos de expectativas servem como preditores de desempenho, embora esses autores afirmem que suas pesquisas bibliográficas comprovem que a auto-eficácia é um preditor mais forte.

Uma das possíveis dificuldades na Psicologia do Esporte é a conceituação diferenciada da auto-eficácia e de autoconfiança, mais usual e comum na linguagem esportiva. Em 1990, Bandura desfez estas dúvidas, apontando para as diferenças entre auto-eficácia e o termo auto-confiança.

Este último se refere ao grau de firmeza e convicção numa determinada crença, mas sem especificar a situação. Já a auto-eficácia se refere à crença de que se é capaz de executar ou atingir determinados níveis de rendimento.

Uma avaliação de auto-eficácia inclui, portanto, não só uma afirmação do nível de capacidade, mas também a certeza e convicção nessa crença. Assim, a eficácia percebida é um estado ou propriedade dinâmica, que flutua e varia de momento para momento, de situação para situação, e não um traço estável da personalidade. Essa é uma questão que será abordada posteriormente ao ser discutido a generalização da crença de auto-eficácia de uma situação para outra.

Já, a ansiedade competitiva é um problema reconhecido pela área da Psicologia do Esporte (Manoel, 1994). Segundo esta autora muitos atletas juvenis abandonam o

esporte quando se deparam com experiências que lhes causam sentimentos de estresse, frustração, tensão, medo, entre outros.

Cada vez mais a comunidade científica vem estudando este estado emocional, a fim de tentar controlá-lo em seus atletas (Manoel, 1994). Isto ocorre devido às pressões sofridas pelo atleta por parte dos patrocinadores, técnicos, família e principalmente pelo modelo de vencedor imposto pela sociedade.

Para Machado (1997), uma das conseqüências de um elevado nível de ansiedade é uma diminuição no nível de concentração, prejudicando o desempenho do indivíduo, principalmente em tarefas complexas, conforme Magill (1984) coloca em sua avaliação da relação entre ansiedade e desempenho.

A ansiedade é definida como um estado emocional de apreensão e tensão no qual o indivíduo responde a uma situação, não perigosa, mas de ameaça, com um grau de intensidade e magnitude desproporcionais ao objeto em questão. Segundo Cozzani et al. (1997), a ansiedade apresenta algumas alterações nas descargas de ácidos que influenciam na respiração e produzem sudorese e taquicardia.

Gil (1986) completa afirmando que a ansiedade também pode provocar tremedeiras no joelho, rubor facial, além de que as variações entre os tipos e a quantidade de vezes que estes tipos de sintomas podem aparecer podem variar de indivíduo para indivíduo.

Por sua vez, segundo Stephens (1998), os valores de agressão e da perspectiva da moral são usados para distinguir a agressão hostil da instrumental, de um lado, e a intenção do jogador, de outro.

Para Balbino et al. (1997), a violência é um comportamento em que uma pessoa pretende lesar gravemente e intencionalmente outra pessoa. Para ele, nem sempre a violência esportiva tem sua origem dentro do próprio esporte, mas sim no meio social.

A agressividade de um indivíduo pode fazer parte da sua personalidade (genético), ou ele pode ser motivado para ela de várias formas. Para se entender a agressividade dentro do meio esportivo, Balbino et al. (1997) propõe que seja necessário recorrer às teorias multicausais, que englobam:

"...fatores genéticos, fatores psicológicos, socialização, o sistema de valor sócio-cultural e suas influências, as condições político-econômicas nas quais se vive, características específicas do desporto, o lugar dos jogadores na equipe, expectativas das funções (árbitros, treinadores, etc), a significação da competição, os espectadores, a mídia e a comercialização..." (Balbino et al., 1997: p. 93).

Esses autores afirmam que a agressividade pode ser classificada como verbal e simbólica. Geralmente os jogadores são castigados (dentro das regras específicas do esporte em questão), se mostrarem algum tipo de agressividade para com outro jogador ou para com o público.

Uma dessas formas é o esporte em que o atleta ou o indivíduo se torna mais agressivo, caso o esporte especificamente apresente um nível de violência maior e suas regras permitam uma utilização de comportamentos agressivos. Tomemos como exemplo o golfe e o boxe: com certeza as regras do boxe permitem mais o uso de comportamentos agressivos do que o golfe..

Com estes fatores psicológicos elencados, podemos ter idéia do volume de informações que circulam na cabeça de nossos atletas. Em função de tantas informações, a adoção da prática mental seria um atenuante para uma revisão, no treinamento global do atleta.

Mas o que faz com que acha tal desconforto? Quais seriam os fatores que movimentariam tal volume de emoções? Então, vamos aos outros elementos de igual importância no momento esportivo: os demais elementos do cenário, para entender a incidência, a origem e a evolução dos quadros de ansiedade e agressividade, causados pela ação dos demais componentes do mundo do esporte.

Falar da ansiedade e da agressividade no espetáculo esportivo é tocar em dois fenômenos complexos e sensíveis, protagonistas de uma longa controvérsia: o

esporte, com sua estranha textura, está longe de ser compreendido em toda sua trama.

É significativo que, em praticamente todas as modalidades, se verifique um acentuado número de abandonos entre seus apaixonados adeptos, e já se fala do valor e relevância das torcidas, no sentido de incentivarem estas fugas das praças esportivas.

Em termos educativos a questão assume foros de autêntico escândalo, na medida em que, por causa da agitação agressiva da multidão desorganizada, se perde a função formativa da prática esportiva. Hoje, temos desde cedo, a preparação esportiva para a vitória a qualquer preço: este jogador que aprende rapidamente a ultrapassar as regras do jogo e a intimidar antes de receber os primeiros golpes, constrói, pouco a pouco, e desde que tenha uma responsabilidade em campo, um comportamento de que a ansiedade e a agressão são elementos essenciais de sua performance.

A esta situação deve ser somada o papel fundamental da imitação, que atua de duas formas distintas, conforme nos afirma RICHARDS (1988). Em primeiro lugar, através de cópia direta do comportamento dos atletas mais velhos pelos jovens jogadores, tanto no que diz respeito aos comportamentos incorretos como na violência.

O segundo aspecto consiste na identificação do jovem jogador com um mito que retrata um comportamento que deixa muito a desejar, do ponto de vista ético. Para cada um dos casos a torcida age de maneira inclemente: ela não respeita a individualidade ou a intencionalidade do atleta.

As preocupações com a ansiedade e agressão esportiva, geradas pelas torcidas, no campo e fora dele, nunca foram tão grandes como hoje, tanto por parte das entidades públicas como dos próprios clubes e escolas. No entanto, todas as medidas tomadas não parecem dar qualquer resultado palpável. Pelo contrário, continuam a afirmar-se, cada vez mais, como uma realidade que não se consegue superar.

Acreditando que seja no processo educativo e cultural que se deva procurar a resolução dos problemas deste aglomerado humano, chamamos a atenção para o fato de que não só todo o sistema esportivo está em causa, como também a totalidade da dinâmica social que o determina, tendo em vista o fato de que as instituições e seus membros desempenham aí um importante papel.

Ao considerarmos a influência do público espectador em equipes esportivas, iremos abordar alguns temas que podem influenciar, direta ou indiretamente, o atleta e sua equipe, tentando alterar o comportamento dos mesmos, chegando a influenciar em sua performance e, na análise do público esportivo é importante ressaltarmos os aspectos econômicos, políticos ou sócio-culturais que irão influenciar no comportamento e atitude desse público espectador.

Sabe-se que o público apresenta determinados comportamentos e determinadas emoções que poderíamos relacionar com sua vida cotidiana. Segundo SEGRÉ (1993) os esportes se diferenciam e uma das diferenças está na reação qualitativa do público (no tênis, o público influencia sem gritos e algazarras, o que não ocorre em outras modalidades, onde o grito, a vaia, o batuque são predominantes).

Ao falarmos em influências exteriores, sabemos que em sua constituição estão envolvidos pais/família, amigos, namorados, imprensa, fãs, professores e técnicos, bem como recompensas palpáveis. Nem sempre é fácil estudar e prever quais as influências que o público exercerá sobre a conduta emocional e motora do atleta. Variáveis tais como a proximidade dos espectadores podem operar mudanças discretas nas respostas neuro-motoras dos atletas. Do mesmo modo, a maneira do atleta ao encarar o público, como ele o valoriza, como recebe as críticas, são fatores que influenciam seu desempenho ou suas reações aos torcedores (CRATTY, 1984).

JOLIBOIS (1992) menciona que os pais de atleta são os primeiros e, geralmente, a fonte mais direta de influências exteriores do atleta. Sua incidência se diferenciará, dependendo de muitos fatores, dentre os quais podemos citar: situação sócio-

econômica, religião, cultura, educação, antecedentes familiares, experiências pessoais com atividades esportivas.

O ambiente familiar pode modelar o comportamento e a vontade de desempenho em determinada atividade física. O tipo de educação recebida e a relação entre pais e atletas influenciam na relação que o atleta terá ao se defrontar com uma torcida, seja ela do tipo que for. PAIVIO (1964), estudando a sensibilidade à torcida, causada por educação na infância, concluiu que os pais ao fazerem descaso ao sucesso e punirem o fracasso, provavelmente, terão filhos com comportamentos extremamente angustiados na presença do público.

A família pode ser uma torcida presente e como tal, pode inibir ou incentivar o desempenho do atleta variando de acordo com as habilidades técnicas que possui, o que nos garante dizer que, de uma certa maneira, os atletas mais novos sofrem mais com a presença de seus familiares, do que os atletas mais experientes.

De acordo com GUSSON (1989), existem vários tipos de educação que são caracterizados pelas atitudes dos pais; pais superprotetores que se manifestam através do excesso de atenção e carinho em demasia, tornando seu filho tímido, retraído, com dificuldades para aprender, para se adaptar com colegas e para aceitar o público. Pais autoritários que se caracterizam pela punição demasiada (são aqueles que querem ser obedecidos, não admitindo erros; permanecem indiferentes ao sucesso dos filhos, deixando-os com relativa tendência ao complexo de inferioridade e uma grande expectativa de fracasso). Serão, futuramente, atletas que não conseguirão enfrentar nenhum tipo de torcida.

É difícil acreditar mas, alguns sentirão ressentimento de que o próprio filho tenha algo que eles jamais tiveram (FERRAN, 1990). Assim, aquele pai ex-atleta que não chegou ser reconhecido socialmente ou ser pessoalmente realizado, poderá transferir toda sua frustração de sucesso para seu filho, identificando-se nele como o atleta que não chegou a ser.

Existe ainda o caso de jogadores que atuam mal para encontrarem reconhecimento. Quanto mais problemático ele se apresentar, mais será acolhido pela atenção e preocupação de seus pais, dirigentes e crônica esportiva. Isto apenas servirá para reforçar a má performance, em troca de um momento de afeto e atenção (APPAY, 1982).

O atleta, também, pode pensar que precisa elevar sua reputação ao máximo, ou por querer um lugar de destaque ou para tentar ultrapassar algum outro membro da família. Isto poderá ocorrer quando um parente que pratica uma modalidade é sempre visto como um elemento de comparação, servindo tanto como estímulo para melhora como para uma ameaça (ELIADE, 1989).

O referido autor ainda ressalta que a maioria das namoradas ou noivas incentivam e sentem-se compreensivas e participativas do sucesso alcançado; no entanto, algumas sentem-se lesadas das presenças e das atenções, vindo a reagir de maneira desestimuladora para a continuidade dessa prática desportiva. É óbvio que a esposa terá uma forte influência sobre o indivíduo, muito maior que noiva ou namorada, porém suas relações serão mais sólidas e suas metas mais reais. Ela estará preocupada com a segurança, em cada temporada, sendo que o mundo esportivo é muito inseguro e que existe muito prestígio em ser esposa de um esportista. Ela é objeto de todos os medos e ansiedades, que fazem parte deste universo (SEGRÉ, 1993).

Os companheiros da equipe também exercem grande influência sobre o comportamento do atleta. O clima vivido na equipe é gerador de grandes amizades, muitas destas duradouras, e por outro lado, esse clima pode levar à inúmeros conflitos entre os atletas do mesmo grupo. Os jogadores da mesma equipe poderão se unir diante de uma competição a fim de que possam chegar à vitória e, também, poderá ocorrer a situação em que a competição é gerada antes mesmo de iniciar uma partida, ou seja, uma disputa entre eles.

A imprensa necessitaria ser trabalhada de forma a entender os conflitos e problemas das equipes, bem como vir a ser entendida pelos espectadores, e não reforçar, apenas, o clima de rivalidade entre eles, conforme explica THOMAS

(1991). Não é raro notarmos que um jornalista se preocupa mais com um jogador, mas é preciso saber que uma equipe é composta por outros atletas. As atitudes dos repórteres têm sido muito importante para elevar ou destruir uma equipe ou jogador. Temos casos em que a imprensa influencia a torcida e esta, por sua vez, altera o rumo de uma partida.

Conclusões

Este trabalho, por meio de revisão de literatura, e pesquisa de campo categorizou comportamentos, tidos como de risco emocional, de 258 atletas de Voleibol feminino, de equipes de diferentes campeonatos, da L.I..P.V. (Liga Interiorana de Voleibol) e da F.P.V. (Federação Paulista de Voleibol). Através de coleta de questionários abertos e entrevistas semi-estruturadas, foram localizados sintomas de violência e ansiedade, alteração do sono, dificuldade de atenção seletiva, irritabilidade, angústia e apatia, entre outros distúrbios afetivo- emocionais menos frequentes entre atletas de esporte competitivo, que sofreram a técnica da categorização. Através de respostas duplas (100-100), 68% das atletas estudadas informam sentir medo do insucesso e não atingirem suas próprias expectativas, ou de atrapalhar suas equipes ou colegas (63%). Angústia, medo e apatia (52%) e estresse pelo treinamento esportivo exagerado (47%) foram apontados na fase competitiva e pós-competitiva.

Reflexões finais

Compreende-se bem que para muitos daqueles que estão diretamente ligados ao espetáculo esportivo, esta perspectiva não seja a mais agradável. É bem mais simples não misturar o esporte com os aspectos mais complexos da vida psicossocial. Por outro lado, se defendermos que o espetáculo carrega em si valores culturais ainda que nem sempre bem aceitos, não será possível analisá-lo separando-o do fenômeno psicossocial total.

A verdade é que o aumento da ansiedade e da agressividade, no momento esportivo, reflete o aumento de pressão que se exerce, cada vez mais intensa e acentuadamente, sobre os jogadores, equipes e dirigentes, com o objetivo único de ganhar ou de perturbar, função específica dos torcedores. Cria-se o que se determinou designar de "círculo infernal de violência" ou "espiral de violência", querendo significar o seu permanente aumento.

A problemática toda reside no fato simples, mas bem escamoteado pela capa pseudocientífica, de que através da defesa destas evidências se faz, de fato, a defesa da situação atual, tal como a encontramos. E que a torcida apenas se manifesta para ajudar seus eleitos ou ídolos, não podendo __ portanto__ perturbar em nada o transcurso de uma partida ou desestabilizar emocionalmente os seus escolhidos.

Acreditamos que a intervenção da Psicologia do Esporte nestes casos deva estar relacionado ao atendimento de familiares, técnicos e dirigentes, uma vez que haverá sempre uma possibilidade de se estabelecer a ordem e o caos, alternadamente, por cada um deles, se não for considerar a equipe adversária e sua torcida.

Esta pesquisa deve ser concluída, quando analisarmos todos os dados coletados, estendendo à mídia e à arbitragem, que serão analisadas em momentos futuros.

Estas evidências permitiram-nos concluir que a preparação psicológica não é empregada, possibilitando uma maior desagregação psico e social do grupo, bem como uma maior exposição do mesmo à transtornos emocionais moderados ou graves. Denotam ainda a emergente necessidade da atuação do profissional da área e um melhor uso dos estudos relativos a Psicologia do Esporte, no treinamento esportivo.

Bibliografia

- CAILLOIS, R. (1958) Les jeux et les hommes. Paris: Folio Essais.
- CHATEAU, J. (1987) O jogo e a criança. São Paulo: Summus Editorial.
- CORMANY, H (1989) Comprendre la Pédagogie. Paris: Marabout Université,.
- CRATTY, B.J. (1989) Psychologie et Activité Physique. Paris: Seuil Edit.
- FRAYSSINET, P. (1992) Le sport parmi les beaux-arts. Paris: Privat.
- JACQUIN, G. A (1979) educação pelo jogo. São Paulo: Flamboyant.
- LAWE, M.J.C. (1991) Um outro mundo – a infância. São Paulo: Perspectivas.
- LENHARO, A. (1990) Sacralização da Política. Campinas: Papirus.
- LUCENA, R.F.(1991) Gênese e consolidação da Educação Física na escola brasileira de 1º e 2º graus: a questão das leis. Campinas: UNICAMP (Dissertação de mestrado).
- MARX, K. (1987) Críticas à escola e à Educação. Lisboa: Ed. Moraes.
- MEYNAUD, J. (1993) Sport et Politique. Paris: Calmann-Lévy.
- PARLEBAS, P. (1987) Perspectivas para uma educação Física moderna. Andaluzia: UNISPORT.
- PIAGET, J. (1967) La image mentale chez l'enfant. Paris: Gallimard.
- ROSADAS, R.B. (1985) Os efeitos psicológicos do treinamento desportivo precoce, in: SPRINT, 3 (2) 56: 64.
- SCHEINES, G. (1992) As regras do jogo. Rio de Janeiro: F.G.V.
- SERGIO, M. (1978) A prática e a educação física. Lisboa: Compendium.
- TUBINO, M.J.G. (1987) Teoria Geral do Esporte. São Paulo: IBRASA.
- VALLE, M. (1990) Sport et l'idéologie. Brussels: Ed. Stelier du Centre Pompidou.